

# DOS PARADOXOS COTIDIANOS À PONTUAÇÃO RÍTMICA DAS NOTÍCIAS:

por um modelo teórico-conceitual  
pendular<sup>1</sup>

Copyright © 2019  
SBPjor / Associação  
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

MARCOS PAULO DA SILVA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS – Brasil  
ORCID: 0000-0003-2868-4865

DOI: 10.25200/BJR.v15n1.2019.1134

**RESUMO** – A partir de uma leitura crítica da bibliografia sobre noticiabilidade construída nas últimas décadas, propõe-se um modelo teórico-conceitual – uma metáfora pendular – para a relação entre dois processos sociais complexos: a seleção noticiosa e a construção cultural da regularidade cotidiana. A construção da narração noticiosa pode ser considerada a partir da correlação de dois processos enraizados no plano simbólico: a caracterização dos *paradoxos cotidianos* como parâmetros de noticiabilidade e a consolidação de um modo jornalístico de narração da realidade que possa “dissolver” (metaforicamente) os aspectos mais dissonantes por trás da imediatividade dos fatos. Compreende-se que a disseminação da narração noticiosa encontra suporte em um padrão cultural ocidental de regularidade que se estabelece na experiência cotidiana moderna (Martín-Barbero, 2003). Resulta-se, por conseguinte, em um processo circular que envolve a transcodificação e a disseminação de parâmetros de racionalidade que servem de guia para a sociabilidade moderna (Sodré, 2009).

**Palavras-chave:** Jornalismo. Seleção noticiosa. Narração noticiosa.

## FROM EVERYDAY PARADOXES TO NEWS RHYTHMIC SCORE: for a theoretical-conceptual pendulum model

**ABSTRACT** – From a critical view to the newsworthiness bibliography built in the last decades, the paper proposes a theoretical model – a pendulum metaphor – for the relation between two complex social procedures: news selection and cultural construction of everyday regularity. The construction of news narrative may be considered by the correlation of two processes rooted in the symbolic plan: the characterization of everyday paradoxes as newsworthiness criteria and the social consolidation of a mode of journalistic storytelling that can “dissolve” (in a metaphoric way) those most dissonant aspects for beyond the immediacy and concreteness of the facts. In other words, it is understood that the spread of news narrative finds support in the western pattern of regularity that sets the daily experience in modernity (Martín-Barbero, 2003). It results, therefore, in a circular process that involves the trans-codification and the dissemination of rationality parameters that guide the modern sociability (Sodré, 2009).

**Key words:** Journalism. News selection. News narration.

## DE LOS PARADOXOS COTIDIANOS A LA PUNTUACIÓN RÍTMICA DE LAS NOTICIAS: por un modelo teórico-conceptual pendular

**RESUMEN** – A partir de una lectura crítica de la bibliografía sobre noticiabilidad en las últimas décadas, propone un modelo teórico-conceptual – una metáfora pendular – para la relación entre dos procesos sociales complejos: la selección noticiosa y la construcción cultural de la regularidad cotidiana. La construcción de la narración noticiosa puede ser considerada a partir de dos procesos arraigados en el plano simbólico: la caracterización de las paradojas cotidianas como parámetros de noticiabilidad y la consolidación de un modo periodístico de narración que pueda “disolver” (metafóricamente) los aspectos más disonantes detrás de la inmediatez de los hechos. Se comprende que la diseminación de la narración noticiosa encuentra soporte en un patrón cultural occidental de regularidad que se establece en la experiencia cotidiana moderna (Martín-Barbero, 2003). Es el resultado un proceso circular de transcodificación y diseminación de parámetros de racionalidad que sirven de guía a la sociabilidad moderna (Sodré, 2009).

**Palabras clave:** Periodismo. Selección noticiosa. Narración noticiosa.

### 1 Para situar o debate

A partir de uma leitura crítica da bibliografia sobre noticiabilidade construída nas últimas décadas, este artigo propõe reflexões a respeito da relação existente entre a ordenação simbólica da vida cotidiana e a ressignificação dos *paradoxos cotidianos* pelo modo particular de narrar o mundo pelo jornalismo<sup>2</sup>. Eis a tese em questão: da mesma forma como Herbert Gans (2004)<sup>3</sup> sugere o envolvimento de duas etapas básicas – a disponibilidade e a adequação – na dinâmica de seleção noticiosa, a construção da narrativa jornalística, numa leitura ampliada para o fenômeno, também pode ser dimensionada pela abrangência que estabelece de dois processos complementares enraizados no plano simbólico: a caracterização dos *paradoxos cotidianos* a partir dos critérios de noticiabilidade (numa compreensão da palavra “*paradoxo*” baseada em sua etimologia grega como algo que está além – prefixo *para* – da *doxa*) e a instituição de uma narração que possa ressignificar (numa metáfora do “dissolver” no plano simbólico) seus aspectos mais dissonantes para além da imediatez dos fatos (no plano fenomênico). A constituição é dessa forma pois a disseminação da narrativa noticiosa encontra respaldo em padrões culturais de regularidade e de racionalidade que configuram a experiência cotidiana na modernidade (Martín-Barbero, 2003)<sup>4</sup>. Trata-se, portanto, de um processo circular que envolve – de um lado – a transcodificação e –

de outro – a disseminação pelo modo de narrar do jornalismo (padrão estético-expressivo) dos parâmetros de racionalidade instrumental (padrão cultural) que pautam a sociabilidade moderna em seus mais diversos contratos simbólicos de organização da vida cotidiana.

Entende-se, assim, que o significado ordinário da vida moderna encontra sua ressonância exatamente no sentido corriqueiro e contraditório da cotidianidade: a reordenação instantânea do mundo, o comentário dos absurdos do dia, o sentar para conversar sobre os acontecimentos cotidianos, entre outros. A narração noticiosa, nessa conjuntura, estabelece-se como um modo de narrar típico da forma cotidiana de vida na modernidade – regular, racional e instrumental (Adorno & Horkheimer, 1985) –, contribuindo para a propagação de um traço cultural de ordenamento dos sentidos mais paradoxais contidos na experiência do dia a dia; ou seja, constitui uma forma de narrar o mundo que ganha propósito com o rompimento das expectativas ordinárias da *doxa*, traduzida em senso comum (ou seja, traduzida no conglomerado de sentidos comumente partilhados e que concedem sentido à vida cotidiana).

De que maneira, entretanto, as relações entre a prática jornalística e a construção cultural da regularidade cotidiana se operacionalizam no plano da narração? A resposta não é simples e envolve uma série de componentes simbólicos e recursos narrativos que transpassam o plano do conteúdo e recaem sobre a própria dimensão estético-expressiva da narração noticiosa. Em síntese, no interior da tese que sustenta este debate, os acontecimentos dotados de noticiabilidade são compreendidos como elementos rompedores de um ordenamento simbólico instituído no plano do senso comum ao passo em que a narração jornalística, por meio dos padrões culturais de regularidade e de racionalidade instrumental que transcodifica, é tomada como uma instância atenuadora dessas “bifurcações”<sup>5</sup> presentes na vida cotidiana.

Nesse contexto, como forma de sistematização do debate, uma metáfora de natureza rítmica ganha corpo e encontra legitimidade na constituição de um modelo interpretativo para a tríade entre o jornalismo, a racionalidade e o senso comum (a *doxa*). Isto é, uma vez considerada a premissa teórica de que tanto a seleção dos acontecimentos noticiosos quanto a disseminação da narração jornalística constituem processos intrinsecamente relacionados a um padrão cultural de regularidade, poucas metáforas fazem-se mais adequadas do que um instrumento utilizado historicamente para demarcar o ritmo do modo de produção capitalista: o pêndulo, mecanismo que assegura a introdução da ideia de

regularidade – oriunda da concepção circular de tempo – no interior da linearidade proporcionada pelas rotinas produtivas do modo de produção capitalista. É sobre a construção de um modelo teórico-conceitual com base nessa analogia rítmica que a discussão se inclina a partir de agora.

## **2 Uma metáfora pendular: jornalismo, senso comum e *paradoxos cotidianos***

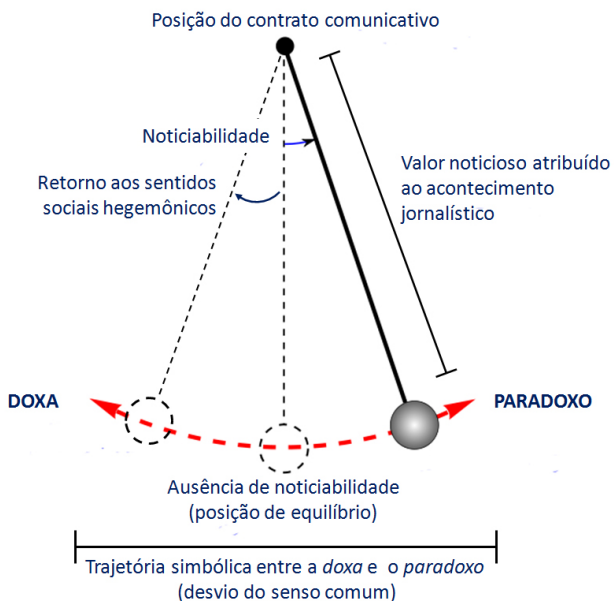
As analogias e as metáforas sempre constituíram ao longo da história das ciências mecanismos didáticos de ilustração de modelos teóricos. A própria concepção de “revolução”, importada da teoria social por Thomas Kuhn (2009), por exemplo, consiste em uma imagem ilustrativa com significados próprios, muito embora análogos, no universo epistemológico da história das ciências tateado pelo autor. De modo mais específico, no terreno do jornalismo, as metáforas sempre percorreram as tradições teóricas que se voltaram a explicar esta atividade social, bem como o próprio vocabulário partilhado no interior do *habitus* profissional do campo (Bourdieu, 1997). David White (1950), na primeira metade do século XX, inspirado no modelo cunhado pelo sociólogo Kurt Lewin, mostra-se um caso significativo ao colocar em evidência uma série de analogias em sua teoria do *gatekeeping*<sup>6</sup>. Os dinamarqueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965), por seu turno, no escopo particular da seleção noticiosa, valem-se de outra analogia suficientemente emblemática: o *dial* de uma estação radiofônica<sup>7</sup>. Entretanto, a metáfora da “pirâmide invertida”, oriunda do modelo noticioso informativo e desconstruída no terreno teórico-conceitual por Genro Filho (2012)<sup>8</sup>, talvez tenha se tornado a mais relevante das analogias voltadas a um modelo teórico explicativo da prática jornalística.

Com o passar das décadas e o refinamento dos estudos teóricos do jornalismo, todavia, novas e mais complexas analogias foram introduzidas nas leituras do campo (o exemplo de Genro Filho em *O Segredo da Pirâmide* é substancial nesse sentido). No contexto da tese de fundo que ampara o presente debate, mostra-se salutar o foco em modelos teóricos voltados a explicitar as relações entre o jornalismo e as concepções de senso comum (em um sentido ampliado da expressão) e de vida cotidiana. Reconhece-se, nesse cenário, a validade da analogia proposta por Muniz Sodré entre a prática jornalística e a pontuação rítmica de uma composição musical. Detalha o autor: “os microspectos do fato, como as notas,

fluem ritmicamente dentro de uma ‘métrica’, que é a temporalidade marcada como ‘o cotidiano’” (Sodré, 2009, p. 92). Por sua vez, essa pontuação rítmica possui intervalos cíclicos diferenciados, o que leva toda notícia a ter “um ciclo cuja duração varia, na prática, de acordo com o valor jornalisticamente atribuído ao fato” (Sodré, 2009, p. 94).

A relação metafórica proposta por Sodré possibilita a elaboração de uma nova metáfora, de analogia cinética, baseada num movimento pendular instituído no plano simbólico; em outros termos, ao passo em que depende dos *paradoxos cotidianos* (traduzidos em eventos dotados de valores noticiosos) para construir sua estrutura de narração, a atividade jornalística também se estabelece como uma prática cultural significativa para a consolidação da regularidade cotidiana. Ou seja, ao transcodificar e, ao mesmo tempo, disseminar padrões culturais de racionalidade, frutos da experiência moderna, o jornalismo – atividade social inscrita na *doxa* (Barthes, 1988), no senso comum (Sodré, 2009) – colabora para um processo de atenuação dos sentidos paradoxais da vida cotidiana, racionalizando-os e devolvendo-os à ordem simbólica consensual (Silva, 2018). O modelo gráfico a seguir (Figura 1) metaforiza os argumentos da tese:

**Figura 1** – Modelo gráfico para a relação entre jornalismo, *doxa* e *paradoxo*



Fonte: Silva (2018)

A priori, compreende-se que a ideia de noticiabilidade, concepção cara à presente discussão, possui natureza complexa. Quando observada por uma ótica histórica, o conceito é compreendido a partir de padrões de “desvio”, isto é, parte-se do entendimento de que um acontecimento para se tornar noticiável deve violar uma norma moral ou probabilística – pressuposto sistematizado em estudos de diferentes períodos históricos, a exemplo da tese seiscentista *De Relationibus Novellis*, do erudito alemão Tobias Peucer (2000), bem como, séculos depois, da tipologia de inspiração matemática elaborada pelos pesquisadores dinamarqueses Johan Galtung & Mari Holmboe Ruge (1965), entre outros. Com o passar do tempo, entretanto, o conceito de noticiabilidade passa por uma série de refinamentos que permitem atrelar a ele novas diferenciações. O sociólogo norte-americano Herbert Gans (2004), por exemplo, vincula a eventual existência de critérios norteadores da atividade noticiosa aos valores de natureza ideológica que são partilhados pelos jornalistas. No contexto europeu, Mauro Wolf (2003) e Nelson Traquina (2008) destacam que os valores envolvidos na seleção das notícias estão presentes no decorrer de toda a dinâmica de produção noticiosa: da escolha dos eventos noticiáveis à construção de sua narrativa. Já Pamela Shoemaker (1996), além dos diferentes aspectos de “desvio” (probabilístico, normativo e de mudança social), incorpora à concepção de noticiabilidade outras dimensões que remetem à concepção de “significância social” (o significado político, o significado cultural, o significado econômico e o significado público), também adicionando a elas a noção de “complexidade” (a combinação complexa das referidas dimensões de desvio e de significância social como características de um determinado acontecimento) (Shoemaker & Cohen, 2006).

A despeito desses aprimoramentos teórico-conceituais, no entanto, busca-se no interior da presente reflexão um entendimento do conceito de notícia como uma “narrativa híbrida” que permeia ao mesmo passo a singularidade dos acontecimentos jornalísticos e os parâmetros simbólicos da vida cotidiana (Faro, 2011). Dessa forma, a concepção de noticiabilidade passa a ser compreendida em paralelo à ideia de *paradoxo cotidiano*. De modo mais específico, isto é, nos termos do modelo gráfico do pêndulo noticioso apresentado acima, a noticiabilidade passa a configurar a “amplitude” do ângulo que determina a distância entre a *doxa* e seu desvio *paradoxal*. Por conseguinte, pode-se deduzir que quanto mais *paradoxal* (desviante da regularidade do senso comum) um evento se apresenta, mais

aspectos de noticiabilidade ele eventualmente terá. Já a ausência da noticiabilidade é representada graficamente como a não existência de qualquer desvio da regularidade cotidiana.

A ideia de noticiabilidade, entretanto, estabelece-se sempre em relação ao ponto metaforizado no modelo gráfico como a “posição do contrato comunicativo”. Em termos literais, entende-se que sempre que um pêndulo é fixado em uma determinada superfície, seu movimento é influenciado por seu ponto de contato, ou seja, pelos materiais da base de fixação, pelo atrito gerado por estes e pelas condições externas, como as condições de pressão atmosférica, por exemplo. No plano analítico, todavia, o pêndulo constitui uma metáfora cinética para um movimento que se estabelece no terreno eminentemente simbólico. Nesse interim, entende-se as concepções de *doxa* e, conseqüentemente, de *paradoxo* representam construções substancialmente socioculturais (Bourdieu, 1977; Barthes, 1988; Sodré, 2009), o que, em outros termos, leva a crer que os parâmetros que caracterizam as circunstâncias de “senso comum” (sentidos socialmente compartilhados) em um determinado grupo social ou recorte sócio-histórico podem não necessariamente ser os mesmos em outros grupos ou situações sociais. Tais relações vinculam-se também ao conceito de “contrato comunicativo” e ao local de operacionalização que este institui no sistema social (o ponto de fixação, para valer-se da analogia do pêndulo). Nos termos de Patrick Charaudeau (2003), a passagem de um acontecimento bruto e interpretado pelo enunciador a um acontecimento construído como notícia e intercambiado pelo enunciatário rege-se por processos complementares de transformação (entre algo a significar no plano fenomênico a algo significado no plano simbólico) e de transação (entre os dois polos da cadeia comunicativa – enunciadores e enunciatários), sempre em consonância com a transição dinâmica também estabelecida entre os planos macro e microsociais. Para valer-se da metáfora mencionada, a posição de fixação do pêndulo nos sistemas semiodiscursivo e social reveste-se de pertinência na compreensão das concepções de *doxa* e de *paradoxo* então instituídas e, em última instância, do diálogo entre a narração noticiosa e a construção cultural da regularidade cotidiana.

Também no interior da metáfora pendular, a ideia de “valor noticioso atribuído ao acontecimento jornalístico” passa a constituir o “comprimento” do pêndulo. Em combinação com a amplitude do ângulo que ilustra a “noticiabilidade”, resulta graficamente na

caracterização da “trajetória simbólica entre a *doxa* e o *paradoxo*”. No plano simbólico, porém, remete ao fato de que todo evento dotado de certo grau de noticiabilidade recebe, em geral, um valor noticioso que determina seu posicionamento nas “páginas” da mídia. Tal valoração, embora emaranhada no universo simbólico, pode ser traduzida em três aspectos verificáveis no plano empírico: 1) a proeminência jornalística do acontecimento (o volume de itens noticiosos, a dimensão em área/tempo que eles ocupam e suas posições hierárquicas nos veículos de comunicação); 2) as fontes utilizadas (o volume de especialistas citados, o espaço destinado a eles na concessão de um sentido explicativo ao acontecimento noticioso e o grau de racionalidade e factibilidade imbricado nas opiniões desses “*experts*”); e 3) os eventos atributivos (Koch, 1990) relacionados ao acontecimento em pauta (o volume de eventos secundários que reverberam a complexidade do *paradoxo* para além de seus significados dissonantes iniciais – o que é denominado no vocabulário jornalístico de *suítes*). Não se trata, entretanto, de uma mera questão quantitativa. Embora possa ser quantificado em determinadas ocasiões, o capital que se coloca em jogo no estabelecimento desse valor noticioso é essencialmente simbólico. Daí a pertinência de sua compreensão em sintonia com um quadro teórico-conceitual bourdieusiano (Bourdieu, 1997).

Em diálogo estreito com os itens anteriormente explorados, por sua vez, a ideia de “retorno aos sentidos sociais hegemônicos” remete – em decalque no plano simbólico – aos processos de atribuição de sentidos explicativos aos *paradoxos cotidianos* presentes na pauta jornalística. São elas: 1) o reconhecimento do factual como dimensão temporal apropriada para a resolução dos problemas cotidianos (Sodré, 2009); 2) a segmentação da realidade pelo jornalismo em unidades funcionais e independentes (páginas, sessões, cadernos, colunas, *posts*, etc); 3) a legitimação das fontes jornalísticas (a autorização de vozes no espaço público jornalístico) com base em um pano de fundo hegemônico emaranhado na vida cotidiana (Gans, 2004; Sigal, 1973); e 4) o estabelecimento de diferentes níveis de produção de sentido a partir de eventos secundários que ajudam a diluir o caráter *paradoxal* do acontecimento noticioso original (Koch, 1990). Trata-se, em suma, de um processo de atenuação dos sentidos que são dissonantes da *doxa* e do retorno que tal movimento simbólico proporciona à regularidade cotidiana. Graficamente, diz respeito a um ângulo idêntico – porém oposto – àquele metaforizado



no pêndulo pela concepção de noticiabilidade. Nesse cenário, auxilia na elucidação da dinâmica que leva um determinado acontecimento a deixar as páginas da mídia e ser substituído por outro ao incorporar um sentido explicativo hegemônico e ser destituído de sua condição de *paradoxo* (o assunto se torna “velho”, “batido”, “desinteressante”, entre outros termos do jargão jornalístico).

Finalmente, entende-se que o movimento simbólico entre a *doxa* e seu desvio *paradoxal* consiste metaforicamente no deslocamento total realizado pelo pêndulo (na analogia gráfica, trata-se da “trajetória simbólica entre a *doxa* e o *paradoxo*”). Em outras palavras, remete ao desvio que um acontecimento institui na regularidade do senso comum e a seu retorno a partir da atribuição pela narração noticiosa de um sentido explicativo. Instituída pela combinação entre o grau de noticiabilidade de um evento (o ângulo do pêndulo no modelo gráfico) e o valor noticioso por ele recebido (o comprimento da haste), essa trajetória, embora simbólica, condiz com a própria duração prática da cobertura jornalística. Em termos metafóricos, a trajetória do pêndulo pode ser completada independentemente do decalque que o *paradoxo cotidiano* institui no plano pragmático. Assim, ao produzir potenciais efeitos de sentido para além de seus efeitos de realidade (Gomes, 2009), um acontecimento jornalístico pode atingir um novo estatuto simbólico sem que se altere, evidentemente, seu estado no plano fenomênico. Um acidente aéreo, por exemplo, pode ter seus sentidos *paradoxais* atenuados a partir do desvelamento de suas causas e assim deixar as páginas da mídia, mas essa atenuação não alterará em nada, por óbvio, seus efeitos de realidade – destroços, mortes, etc. – no plano pragmático. De todo modo, esses mesmos efeitos de sentido proporcionados pelas notícias passarão a constituir novos efeitos de realidade. A trajetória entre *doxa* e *paradoxo* (e vice-versa), portanto, consiste no movimento rítmico que proporciona o sentido de ordenamento típico do padrão cultural moderno de regularidade cotidiana.

Compreende-se que a pertinência da metáfora do pêndulo localiza-se justamente na ilustração que permite das duas etapas do processo de construção da narração noticiosa: a caracterização dos *paradoxos cotidianos* como eventos noticiáveis e a atenuação destes pelos recursos narrativos do jornalismo. Recorre-se assim, uma vez mais, às palavras de Gomes: “através das notícias o mundo deixa de ser o complexo das coisas e pessoas que formam o meu círculo existencial para tornar-se, para além deste, um horizonte” (2009, p. 15).

Tal horizonte – ou cenário de reordenação simbólica do mundo –, contudo, depende de um “acordo tácito entre consumidores de notícia e jornalismo” que “finda por estabelecer o limite entre o que existe e é digno de menção e o que não existe ou não merece atenção” (Gomes, 2009, p. 15). Constitui-se, portanto, uma espécie de contrato instituído no plano discursivo, segundo o qual “sem sujeitos de percepção, inexistente acontecimento” (Sodré, 2009, p. 34). Reveste-se de essencialidade, dessa forma, uma importante ressalva: embora se reconheça a relação estabelecida no plano simbólico entre a atividade jornalística e a atenuação dos *paradoxos cotidianos*, tal relação depende de negociações discursivas entre as peculiaridades do veículo que pauta a notícia e sua comunidade de sentido. As concepções de *paradoxo* e ordem consensual (componentes do movimento pendular instituído pelo jornalismo), nesse panorama, não se projetam na realidade fenomênica de forma constante ou inequívoca, mas são culturalmente construídas a partir diferentes variáveis socioculturais e distintos contratos comunicativos (Silva, 2018). Ainda assim, eis que ao se mencionar, neste contexto não se desconsideram as bases contemporâneas do modelo de “jornalismo pós-industrial” (Anderson, Bell & Shirky, 2013), marcado por uma implosão dos ciclos temporais de produção e de recepção das notícias a partir da incorporação dos computadores e das redes digitais de comunicação nas rotinas produtivas das redações e do declínio dos jornais como principal fonte de informação em detrimento de sites e redes sociais – aspecto que será tratado adiante.

### **3 Os limites do funcionalismo e as diferenças para uma abordagem culturalista mais ampla**

Em termos de analogias rítmicas, a compreensão em torno da expressão francesa *pot-pourri*, comum no terreno musical, remete a um cenário peculiar: trata-se da combinação – muitas vezes aleatória – de elementos rítmicos ou temáticos que são diferentes entre si, não necessariamente complementares (ou que não necessariamente remetam a um fio condutor coerente). Não é por acaso, portanto, que Douglas Kellner (2001, p. 131), no centro de um debate epistemológico, passa a valer-se da expressão para alertar a respeito do risco que determinadas abordagens acadêmicas, uma vez amparadas em elevados graus de “ecletismo”, possam recair: a

passagem de um multiperspectivismo crítico – este, bastante salutar – para uma espécie “*pot-pourri* teórico”.

Nesse sentido, o modelo gráfico em questão, construído sobre uma metáfora pendular, não escapa de tal crivo crítico em busca de sua coerência teórico-metodológica. Pois bem, o pêndulo – ou, mais especificamente, seu mecanismo de oscilação isocrônica identificado por Galileu Galilei no final do século XVI – insere-se historicamente no funcionamento de diversos instrumentos responsáveis por pontuar com precisão a regularidade que caracteriza a sociabilidade moderna. Os exemplos variam desde os clássicos relógios pendulares criados em meados do século XVII – instrumentos de considerável importância na formulação de um novo padrão de tempo que integra o processo histórico denominado por Martín-Barbero (2003) de “longo processo de enculturação” – até os antigos metrônomos – equipamentos inventados no início do século XIX e que são essenciais na introdução de um ritmo constante e mensurável no campo musical.

Todo esse cenário, ao lado do próprio deslocamento metodológico sugerido por Martín-Barbero (2003) dos “meios” para as “matrizes culturais”, inspira no contexto desta discussão um novo deslocamento de matiz também analítica no entendimento do modo jornalístico de narrar a realidade: da ideia de “mecanicismo” como abordagem teórico-metodológica total<sup>9</sup> para, então, sua compreensão como um padrão cultural caracterizador de uma forma de sociabilidade marcada pela valorização de uma racionalidade tipicamente instrumental e operacional do cotidiano.

Neste caso, a metáfora rítmica do pêndulo configura-se uma analogia assumidamente mecânica, mas não constitui, entretanto, o resultado de uma perspectiva teórico-metodológica mecanicista, uma vez que se baseia em uma abordagem essencialmente culturalista. O que a metáfora pretende explicar no interior dessa perspectiva teórica é justamente a dinâmica pela qual as notícias (envolvendo os processos de seleção, construção e circulação) estão intrinsecamente incorporadas à vida cotidiana como mais um dentre muitos modos de expressão que se difundem com base na racionalidade operacional moderna. Não se trata, portanto, da compreensão do jornalismo como um sistema orgânico, com funções reparadoras do sistema social – como poderia sugerir um ponto de vista funcionalista –, mas de uma sistemática multifacetada de produção de sentidos.

Em tempo, o funcionalismo tem suas raízes fundadas na tradição sociológica do “organicismo” no início do século XIX e

configura uma das mais antigas e difundidas correntes teóricas no mundo ocidental. Com premissas inspiradas nas obras de autores como Auguste Comte e, posteriormente, Herbert Spencer e Émile Durkheim, essa linha de pensamento recorre à valorização de taxonomias sociais – ou “tipos ideais” – para vislumbrar o estudo da sociedade como um “organismo social” (Tunder, 1982, p. 35). Outros expoentes como Robert Merton também posicionam o funcionalismo como uma linha interpretativa direcionada às consequências das partes no organismo social total a partir de variáveis sociológicas mensuráveis. O conceito de “função”, nesse cenário, diz respeito ao desempenho de “medidas de efetividade” instituídas para o “bom funcionamento do sistema” (Hage, 1972, pp. 192 – 193).

As limitações oriundas das dimensões orgânica (teórica) e quantitativa (metodológica), dentre outras variadas características originais do vértice funcionalista, colocam essa corrente de pensamento em posição de crivo crítico frente a outras abordagens que paulatinamente ganham espaço nas ciências sociais e particularmente no campo do jornalismo. Nessa direção, Adelmo Genro Filho (2012) mostra-se categórico ao apontar as superações e as precariedades do funcionalismo para a compreensão da prática jornalística. O autor delinea o conceito de “conhecimento” como uma forma de apreensão da realidade atravessada por uma série de contradições intrínsecas – o que coloca em xeque a concepção de um eventual “papel orgânico” desempenhado pelo jornalismo como forma de conhecimento da realidade.

O reconhecimento da pertinência das críticas de Genro Filho (2012) deposita ainda mais ênfase na necessidade de uma interpretação que não se confunda e que possa ultrapassar os limites do mecanicismo de natureza funcionalista. Por essa razão, a representação gráfica do pêndulo como elemento didático para a compreensão da comunicação noticiosa institui-se não como uma simples analogia mecânica que pressupõe sua sobreposição direta à complexidade dos fenômenos sociais, mas, pelo contrário, como uma metáfora que ilustra um movimento estabelecido substancialmente no plano simbólico. Trata-se, assim, de uma típica relação de produção de sentido sobre a opacidade da realidade objetiva.

Uma interpretação pertinente nesse sentido vem das análises de Stuart Hall. É salutar, aliás, que o teórico jamaicano-britânico se valha do próprio substantivo “função” para refletir a respeito da correlação entre mídia e ideologia, sem que sua perspectiva analítica recaia, no

entanto, em qualquer instância de ordem funcionalista. A utilização do termo, neste caso, serve ironicamente de recurso semântico para uma discussão de natureza eminentemente culturalista. De acordo com Hall (1977, p. 340), a primeira “função” desempenhada pela mídia consiste “na construção seletiva de imaginário e conhecimento social” por meio dos quais as pessoas possam perceber “visões de mundo e realidades vividas” para além de seus contextos imediatos. Já a segunda “função” reflete a concepção de “pluralidade” ao disseminar um inventário de léxicos, estilos de vida e ideologias por meio de um constante processo de objetivação do mundo. Neste ponto, o “*social knowledge*” difundido seletivamente pela mídia passa a ser “ranqueado e rearranjado” a partir de “classificações normativas e valorativas” ratificadas na cultura. Em suma, trata-se do caminho pavimentado pelos meios de comunicação para que as pessoas não apenas “saibam a respeito do que acontece no mundo”, mas também “façam sentido dele” (Hall, 1977, p. 341). Finalmente, a terceira “função” diagnosticada pelo autor remete às dinâmicas simultâneas de “organização, orquestração e alinhamento de vozes” que a mídia configura – posto que no bojo de um cenário hegemônico “algum grau de integração e coesão” deve ser socialmente reconhecido.

A descrição dessas “funções” da mídia trabalhadas por Stuart Hall, um dos principais expoentes da corrente teórica dos Estudos Culturais, marca uma evidente distinção daquelas funções propagadas pela abordagem funcionalista tradicional – casos das noções de “disfunção narcotizante” e de “reparo social” (*social repair function*). Tais formulações teórico-conceituais – e suas inúmeras nuances funcionalistas –, todavia, ancoram-se em um paradigma que se faz hegemônico durante um período de tempo representativo na visão de ciência no mundo ocidental – daí o reconhecimento necessário de sua força e capilaridade.

Mostra-se sintomático, desse modo, que até mesmo autores cujos referenciais estão amparados em outros modelos teóricos e metodológicos acabem por resvalar no funcionalismo em suas análises da atividade noticiosa. Na conjuntura da tese aqui proposta, contudo, embora se assuma uma visão de múltiplas perspectivas, defende-se uma postura metodológica que se diferencia de um mero agregado aleatório de pontos de vista teóricos (o *pot-pourri*, nos termos de Douglas Kellner). Portanto, mesmo que se recorra a uma metáfora de inspiração mecânica e rítmica (um pêndulo), as concepções trabalhadas de “racionalidade instrumental” e de “regularidade

cotidiana” passam longe de ser interpretadas como consequências funcionais da prática jornalística a partir de supostas “desordens” sociais que possam ser “reparadas” no interior de um sistema orgânico. Muito além disso, entende-se a atividade noticiosa como uma prática social disseminadora de um sentido de racionalização dos *paradoxos cotidianos* justamente pelo fato de transcodificar um padrão cultural hegemônico de racionalidade emaranhado na vida cotidiana.

É dessa maneira que, nos sentidos metafóricos de um movimento ritmado, tal como discute Sodré (2009), a vida cotidiana se faz capaz de conceder significados à sociedade moderna e transforma a narração noticiosa em um de seus mais eloquentes modos de expressão. A própria estética da expressão jornalística, assim, ao tensionar o conteúdo de suas mensagens, engendra-se nesse movimento regular de modo a ratificar os sentidos *doxais* de uma sociabilidade operacional e instrumentalizadora de seus símbolos mais dissonantes. Aporta-se, por conseguinte, numa espécie de “reordenação instantânea do mundo”.

#### **4 Da banca de jornal ao “mercado de peixes”: a substituição de um *paradoxo* por outro no cenário da regularidade cotidiana**

É clássico o axioma de que jornal do dia anterior possui sua utilidade mais enfática no ato de embrulhar peixe – uma das mais sedimentadas expressões que caracterizam o discurso histórico de autolegitimação da prática jornalística. A despeito da ironia fina que representa aos estudos historiográficos, todavia, o axioma reveste-se também de significação – numa leitura ampliada no contexto da tese aqui apresentada – ao servir de ilustração recheada de didatismo para o processo simbólico de substituição de um *paradoxo cotidiano* por outro no bojo da regularidade que se institui como padrão cultural hegemônico no terreno da vida cotidiana.

O debate conduzido por Adelmo Genro Filho (2012) em *O Segredo da Pirâmide*, no seio de sua complexidade, possibilita a interlocução com tal entendimento. No cerne da subjetividade que caracteriza a construção social dos fatos jornalísticos, existe sempre uma faceta de objetividade concreta que não pode ser desconsiderada. A afirmação do teórico brasileiro ratifica sua reflexão mais abrangente segundo a qual um acontecimento singular no plano fenomênico necessita necessariamente de uma inscrição subjetiva

numa particularidade contextual para que faça sentido enquanto dimensão do conhecimento. Argumenta o autor:

Aqui entra em jogo não apenas o problema de uma linguagem adequada, mas, principalmente, o enfoque epistemológico que vai presidir essa linguagem e permitir sua eficácia. Há um grau mínimo de conhecimento objetivo que deve ser proporcionado pela significação do singular (pelo singular-significante), que exige um mínimo de contextualização do particular, para que a notícia se realize efetivamente como forma de conhecimento. A partir dessa relação minimamente harmônica entre o singular e o particular, a notícia poderá – dependendo de sua abordagem ideológica – tornar-se uma apreensão crítica da realidade. (Genro Filho, 2012, p. 202).

Nessa conjuntura, prossegue o teórico, “sempre que um fato se torna notícia jornalística, ele é apreendido pelo ângulo da sua singularidade, mas abrindo um determinado leque de relações que formam o seu contexto particular” (Genro Filho, 2012, p. 201). É sobre essa relação contextual que se assoma à frente da imediaticidade dos acontecimentos noticiosos que a linha reflexiva do presente estudo encontra seu cume como meio de sistematizar o debate teórico-conceitual. O contexto aqui referido, no entanto, diz respeito a um padrão estético-expressivo vinculado à face da narração noticiosa que produz intercâmbio com os padrões culturais amplos e aderentes que conformam a experiência cotidiana moderna.

Projetando essa linha reflexiva para o campo específico da comunicação noticiosa, encontra-se ressonância no processo de encadeamento dos fatos cotidianos pela cultura massiva (Nora, 1979) de modo que um acontecimento possa substituir o outro num movimento simbólico pautado pela regularidade. Ou ainda, a exemplo da discussão conduzida por Franco Moretti (2003), remete à possibilidade cotidiana de virar a página de um jornal sem que o enunciatório se depare com grandes sustos devido à racionalidade incorporada à maneira noticiosa de refratar a realidade. Assim, os *paradoxos* do “ontem”, uma vez racionalizados e atenuados, são substituídos pelas novidades do “hoje” (ou do “agora”), sendo relegados a um espaço simbólico que endereça à inutilidade imediata (a desvalorização) e ao passado (ao metafórico “mercado de peixes”).

Nesse cenário, da mesma forma como a sociedade moderna que, numa ótica mais abrangente, lida com seus entraves cotidianos de forma a resolvê-los num sentido racional de “domesticação do

acaso”<sup>10</sup>, o jornalismo transcodifica esse padrão de racionalidade instrumental para além dos limites de seu conteúdo e estende-o para sua própria dimensão estético-expressiva: como no vaivém metafórico de um movimento pendular, identifica esses *paradoxos cotidianos* como eventos dotados de noticiabilidade para, na sequência – e a partir de contratos comunicativos específicos –, explicitá-los e devolvê-los aos sentidos *doxais* culturalmente pavimentados (Silva, 2018).

## 5 Considerações finais e novas perspectivas

No interior de uma perspectiva teórico-conceitual que leva em consideração a metáfora de uma pontuação rítmica do cotidiano para a problematização do processo cultural de disseminação da narração noticiosa, o clássico questionamento em torno do “porquê” um acontecimento se torna notícia – típico dos estudos teóricos em jornalismo – não esgota a complexidade do fenômeno da noticiabilidade. Pelo contrário, a ênfase na pergunta pode remeter a uma modalidade de paralaxe que eclipsa um processo simbólico mais amplo e multifacetado, enraizado em padrões culturais pavimentados na vida cotidiana, que se traduz numa espécie de “diluição” pelas peculiaridades da narração jornalística dos sentidos mais *paradoxais* de um determinado acontecimento noticioso. Acima de tudo, portanto, faz-se essencial o reconhecimento da existência de um processo simbólico de substituição de um *paradoxo* por outro no bojo da regularidade cotidiana, bem como do reconhecimento desta como pontuação rítmica para a legitimação das notícias como bens simbólicos de destaque na cultura ocidental.

Alguns pressupostos merecem destaque no cerne desta linha de raciocínio. Primeiramente, adota-se como válida a premissa de que a sociedade se organiza em torno de um complexo de sentidos socialmente compartilhados traduzidos na ideia de *doxa* – ou senso comum no sentido aristotélico –, dimensão fundamental para a concessão de significados à vida cotidiana. Nesse interim, entendida etimologicamente como algo insólito à natureza da *doxa*, a noção de *paradoxo* configura uma instância simbólica passível de rompimento com tal ordem socialmente partilhada. É pela natureza desviante, portanto, que as questões consideradas *paradoxais* recebem relevo na experiência cotidiana.



Por sua vez, a estrutura do senso comum está também relacionada à concepção gramsciana de hegemonia, dimensão pela qual os aspectos ideológicos dominantes da sociedade disseminam-se nas práticas ordinárias da vida cotidiana (Hall, 1977). Dentre tais aspectos hegemônicos encontra-se em destaque a ideia de uma racionalidade essencialmente instrumental (Adorno & Horkheimer, 1985), parâmetro – ou padrão cultural – pelo qual se atrelam à sociabilidade moderna o domínio e o acesso controlado aos elementos que rompem com a ordem do senso comum – são, por isso, *paradoxais* e passíveis de uma significação (explicação) calcada na racionalidade. Esse processo eminentemente simbólico decalca-se profundamente na natureza da narrativa noticiosa, considerada uma das pedras de toque da experiência cotidiana moderna. Nesse âmbito, ocorre a caracterização dos *paradoxos cotidianos* como elementos que, por um lado, são passíveis de configurarem notícia e, por outro, são merecedores de uma explicação nos sentidos e procedimentos próprios da racionalidade instrumental – traduzida em racionalidade jornalística.

No núcleo desse aspecto que concede orientação ao *ethos* do jornalismo moderno, a narrativa noticiosa constitui, então, uma prática cultural particular cuja produção de sentido resulta na “diluição” – identificação, singularização e posterior esclarecimento – dos *paradoxos* que rompem com a ordem simbólica instituída na vida cotidiana pela via do senso comum. Encontra ressonância nessa chave-explicativa a maneira como a narração noticiosa se vale dos sentidos mais *paradoxais* de seus critérios de noticiabilidade. Na construção estético-expressiva da narração jornalística, por exemplo, elementos gráficos e seções analíticas específicas – os famosos elementos-clichês traduzidos na ideia de “entenda o caso” – apresentam como chamariz um traço simbólico comum: o retorno por meio de uma explicação culturalmente aceita aos sentidos consensuais outrora intactos. Semelhantemente, “*experts*” de diferentes áreas – atores sociais legitimados como fontes de informação – atribuem seus argumentos supostamente ancorados na objetividade jornalística e/ou na racionalidade científica para a “captura” dos sentidos *paradoxais* que abalam a regularidade cotidiana e, na sequência, devolvê-los aos significados *doxais* respaldados pela sociedade.

Entende-se que a própria concatenação dos fatos jornalísticos em cadernos temáticos e seções noticiosas específicas – segmentados

em simetrias temporais particulares (diários, hebdomadários, quinzenários, etc.) – auxilia na disseminação, no plano estético-expressivo da narração jornalística, de um sentido peculiar de regularidade e de ordenamento cotidiano. Tal caracterização, contudo, possui complexidade e somente penetra nos meandros da cultura jornalística por meio da concepção de *habitus* profissional (Bourdieu, 1997), instância simbólica que deve ser também entendida como espaço privilegiado de emergência dos aspectos hegemônicos da sociedade (Martín-Barbero, 2003, pp. 123-124).

Além disso, por constituir uma construção cultural complexa, a ideia de senso comum não pode ser observada como uma concepção universal – posição que, por analogia, projeta-se também ao conceito de *paradoxo*. Dessa maneira, da mesma forma como a caracterização de um *paradoxo cotidiano* atrela-se a um determinado recorte sociocultural ou temporal e pode não ser a mesma em outro contexto, a prática simbólica de esclarecer os sentidos *paradoxais* da sociedade também não será a mesma em instâncias distintas. Ou seja, no âmbito da prática jornalística, o que constitui um evento noticiável em determinado cenário, pode, em outro contexto, sequer merecer atenção. Portanto, como lembra Patrick Charaudeau (2003), antes de manifestar o mundo, a narrativa jornalística manifesta uma relação. A chave-explicativa repousa, aqui, na concepção de “contrato de comunicação”.

Entende-se que todos esses processos encontram sentido na vida cotidiana, dimensão que possui no senso comum e no ritmo da regularidade, respectivamente, sua forma intrínseca de conhecimento e sua dimensão temporal fundamental. Nesse contexto, o movimento rítmico do qual, ao mesmo passo, o jornalismo é parte ativa e passiva, agente e paciente, garante à lida ordinária com os *paradoxos* cotidianos um sentido próprio de regularidade – uma espécie de “vaivém” simbólico, como num pêndulo – típico do modo racional de sociabilidade que instrumentalmente dissolve seus imprevistos rotineiros. Em suma, a concepção de noticiabilidade passa a ser entendida a partir da ideia de *paradoxo* e sua operacionalização somente encontra significação na regularidade da vida cotidiana. Trata-se de um movimento simbólico de natureza complexa e culturalmente decifrado no qual os conceitos acima debatidos aparecem dialeticamente envolvidos.

Finalmente, não se desconsidera aqui o processo de hegemonização de novos padrões culturais na lógica de

reconfiguração do capitalismo de base industrial num cenário de modernidade tardia. Assim, se o chamado jornalismo industrial se calca (transcodifica e dissemina) em efeitos de sentido oriundos de um padrão cultural de regularidade e de racionalidade, o denominado “jornalismo pós-industrial” (Anderson, Bell & Shirky, 2013), que ressignifica elementos do jornalismo tradicional em um contexto de capilaridade do capitalismo cognitivo, passa a valer-se de novos elementos no plano simbólico (longe de invalidar, necessariamente, a hipótese anterior).

Nesse contexto, adiante dos sentidos reguladores do cotidiano, o “fetiche da velocidade”, nos termos de Sylvia Moretzsohn (2002), é elevado a um paroxismo. Em vez de ciclos mensais, semanais ou diários, o “jornalismo pós-industrial” passa a atender às predicções da instantaneidade. Por seu turno, essa implosão dos ciclos produtivos da notícia – alinhada à implosão de outras esferas da produção de bens simbólicos e não simbólicos no seio do capitalismo cognitivo – pode ser verificada mesmo em redações voltadas primordialmente às mídias tradicionais, uma vez que são raros os veículos jornalísticos que se abstêm de uma presença no ciberespaço, em redes sociais ou em aplicativos para mídias móveis. Identifica-se, assim, como expediente comum o fato de que as notícias em grande parte dos jornais contemporâneos sejam publicadas antes na plataforma online e ganhem, no dia seguinte, uma versão de papel calcada no modelo industrial. Nessa conjuntura, na internet e nas redes sociais, a notícia pode deixar de ter um ciclo puramente regular e diário, pois pode recircular e se ressignificar (Zago, 2011) ou ainda propiciar uma espécie de “desritualização do consumo” (Peter & Broersma, 2013) – o que, na perspectiva deste artigo, remete a um processo mais amplo e complexo de transmutação de padrões culturais pavimentados na vida cotidiana, tema de outro debate.

## NOTAS

- 1 Uma versão prévia e resumida do artigo foi apresentada no XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 5 a 8 de junho de 2018. Incorporou-se ao texto os comentários de Marcelo Träsel, Sílvia Lisboa e Giulia Reis, da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS), a quem se estendem agradecimentos pela leitura crítica. Destaca-se que o núcleo central da tese e os argumentos em torno do modelo gráfico apresentado no artigo são debatidos em capítulo publicado pela Editora Peter Lang na obra *Media Scholarship in a Transitional Age* (ver: Silva, 2018). Não se trata, todavia, de tradução, daí a compreensão de que o âmbito da *Brazilian Journalism Research* constitua um espaço qualificado para a interlocução sobre a tese colocada e seu consequente aprofundamento.

- 2 Entende-se como o “modo particular de narrar o mundo pelo jornalismo” a narração de fatos presentes na vida cotidiana tal como estabelecida nas reflexões de Sodré (2009).
- 3 O livro *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*, de Herbert J. Gans, foi originalmente publicado em 1979 e tornou-se uma das referências para os estudos sobre jornalismo no contexto norte-americano. Utiliza-se neste estudo a edição ampliada comemorativa ao 25º aniversário da publicação original. Ver: Gans (2004).
- 4 Compreende-se a introdução histórica das ideias de regularidade e de racionalidade no modo ocidental moderno de estruturação da vida cotidiana com base nas reflexões de Jesús Martín-Barbero (2003) no capítulo “O longo processo de enculturação”, da obra *Dos Meios às Mediações*, no qual o autor volta-se às rupturas modernas nos “modos de saber” e no “sentido de tempo”.
- 5 O termo é aqui adaptado a partir das reflexões de Franco Moretti (2003) sobre o campo literário. O autor utiliza a ideia de “bifurcação” em sua análise dos romances europeus da segunda metade do século XIX. Conceitualmente, no campo literário, as “bifurcações” podem ser entendidas como possíveis desdobramentos da trama, ou seja, os ápices e pontos de clímax encontrados no decorrer da narrativa – o beijo, a morte, a prisão, a sanção, etc. Elas se operacionalizam no plano narrativo em oposição aos “enchimentos”. Por sua vez, como o próprio nome sugere, os enchimentos consistem naquilo que acontece entre uma mudança e outra – trata-se, portanto, dos espaços de preenchimento da narrativa entre as bifurcações.
- 6 A ideia do sociólogo Kurt Lewin de utilizar as metáforas de “*gates*” e “*gatekeepers*” (literalmente “portões” e “porteiros”, em inglês) é originalmente aplicada em um estudo sobre hábitos alimentares de famílias norte-americanas no período pós-Primeira

Guerra Mundial. Essa simples metáfora ganha corpo no campo do jornalismo a partir do momento em que David White (1950), um ex-assistente de pesquisa de Lewin, decide adaptar o modelo para analisar o processo de seleção do conteúdo noticioso. Ver: Shoemaker & Vos (2009).

- 7 A partir de uma pesquisa sobre a cobertura de crises internacionais em jornais europeus, Johan Galtung & Mari Holmboe Ruge (1965) colocam-se como os primeiros teóricos a formalizar no ambiente acadêmico a existência de parâmetros orientadores da seleção de notícias. Na prática, os pesquisadores dinamarqueses partem do entendimento de que a comunicação noticiosa estrutura-se como uma cadeia, iniciando-se a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor. Optam, entretanto, por focar a etapa inicial do processo: a percepção, a seleção e a construção de uma imagem dos acontecimentos pelos meios de comunicação. Na tentativa de sistematização de uma lista de fatores que caracterizam a noticiabilidade, buscam recurso na metáfora: a comparação do mundo com um enorme conjunto de estações de radiodifusoras, cada uma das quais a emitir o seu sinal ou o seu programa no seu próprio comprimento de onda. Da comparação com a estrutura radiofônica, os autores ressaltam a necessidade da seleção (tal qual no *dial* de um aparelho de rádio) para que a informação espalhada pelo mundo se torne compreensível.
- 8 A obra *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*, de Adelmo Genro Filho, foi publicada originalmente em 1987. O texto se tornou referencial no Brasil por oferecer uma compreensão inventiva do jornalismo como forma de conhecimento, instituindo reflexões sobre a atividade noticiosa com base nas categorias marxistas de singular, particular e universal.
- 9 Conforme demonstram inúmeras aproximações e análises oriundas das teorias funcionalistas.
- 10 “Os homens tapam os orifícios nas barragens de suas crenças mais necessárias com o primeiro tipo de barro que encontram”, metáforiza Clifford Geertz (2007, p. 122).

## REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W., Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Anderson, C. W., Bell, E., Shirky, C. (2013). Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *Revista de Jornalismo ESPM*, 5 (3), pp. 30-89.
- Barthes, R. (1988). *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Charaudeau, P. (2003). *El discurso de la información: la construcción del espejo social*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- Faro, J. S. (2011). À flor da pele: narrativas híbridas, cotidiano e comunicação. *Revista Intexto*, v. 2, n. 25, pp. 117-127. Recuperado de [seer.ufrgs.br/intexto/article/view/23750](http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/23750).
- Galtung, J., Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2 (1), pp. 64-90. doi.org/10.1177/002234336500200104.
- Gans, H. J. (2004) *Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press.
- Genro Filho, A. (2012). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Série Jornalismo a Rigor. v. 6. Florianópolis: Insular.
- Geertz, C. J. (2007). O Senso comum como um sistema cultural. In: C. J. Geertz, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 9ª ed. pp. 111-141. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Gomes, W. (2009). *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo*. Série Jornalismo a Rigor. v. 1. Florianópolis: Insular.
- Hage, J. (1972). *Techniques and problems of theory construction in sociology*. Nova Iorque, Londres, Sidney e Toronto: Wiley-Interscience Publications.
- Hall, S. (1977). Culture, the media and the ideological effect. In: J. Curran, M. Gurevitch, J. Woollacott (Orgs.), *Mass media and society* (pp. 315-348). Londres: Edward Arnold Editor e Open University Press.

Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc.

Koch, T. (1990). *The news as myth: fact and context in journalism*. Nova Iorque: Greenwood Press.

Kuhn, T. S. (2009). *A estrutura das revoluções científicas*. 9ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva.

Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Moretti, F. (2003). O Século sério. *Revista Novos Estudos*. Cebrap, n. 65.

Moretzsohn, S. (2002). *Jornalismo em “tempo real”*: O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan.

Nora, P. (1979), O retorno do fato. In J. Le Goff & P. Nora (Orgs.), *História: novos problemas*. pp. 179 – 193. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.

Peters, C., Broersma, M. (2013). *Rethinking Journalism: Trust and participation in a transformed news landscape*. Nova Iorque: Routledge.

Peucer, T. (2000). Os relatos jornalísticos. *Revista Comunicação & Sociedade*. Universidade Metodista de São Paulo, n. 33.

Shoemaker, P. J., Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping theory*. Nova Iorque e Londres: Routledge.

Shoemaker, P. J. (1996). Hardwired for news: Using biological and cultural evolution to explain the surveillance function. *Journal of Communication*,46(3),pp.32-47.doi.org/10.1111/j.1460-2466.1996.tb01487.x

Shoemaker, P. J., Cohen, A. (2006). *News around the world: Practitioners, Content, and the Public*. Nova Iorque: Routledge.

Sigal, L. V. (1974). *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking* (2ª ed). Lexington, MA: D.C. Heath and Company.

Silva, M. P. (2018). Journalism, Rationality and Common Sense: A Theoretical Model for Relations between News Selection and Cultural Construction of Everyday Regularity. In: C. M. Liebler, T. P. Vos, (Org.), *Media Scholarship in a Transitional Age* (pp. 59-78). Nova Iorque, Berna e Berlim: Peter Lang.

Sodré, M. (2009). *A narração do fato*: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes.

Traquina, N. (2008). *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística/uma comunidade interpretativa internacional*. Florianópolis: Insular.

Tunder, J. H. (1982). *The structure of sociological theory*. Homewood-Illinois and Georgetown-Ontario: Dorsey Press.

White, D. M. (1950). The gatekeeper: a case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27 (4), pp. 383-390.

Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Zago, G. (2012). Circulação jornalística potencializada: o Twitter como espaço para filtro e comentário de notícias por interagentes. *Comunicação e Sociedade* 34 (1), pp. 249-271. [dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v34n1p249-271](https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v34n1p249-271)

**MARCOS PAULO DA SILVA.** Professor do Mestrado em Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mato Grosso do Sul, Brasil. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutoranda-sanduíche na Syracuse University (Nova Iorque, Estados Unidos). E-mail: [marcos.paulo@ufms.br](mailto:marcos.paulo@ufms.br)

RECEBIDO EM: 24/06/2018 | ACEITO EM: 12/12/2018